

## NOVA DINÂMICA NA SOJA

**Roberto Rodrigues\***

Estamos colhendo a maior safra de soja de nossa história. Serão 113,3 milhões de toneladas, contra 93,3 milhões colhidas no ano passado, quando as plantações de verão foram prejudicadas pelo El Niño. Lembro-me de quando saí da Escola de Agronomia de Piracicaba, a ESALQ, em 1965: havia 400 mil hectares de soja no país, praticamente só no Rio Grande do Sul, embora a Universidade de Viçosa já houvesse desenvolvido algumas variedades da leguminosa, especialmente a que se chamava "viçoja". Naquele tempo a produtividade estava por volta de 1200 quilos por hectare e agora teremos mais de 3,35 mil quilos, com a espantosa área de 33,9 milhões de hectares colhidos. De acordo com André Pessoa, da Agroconsult, e a partir das observações do Rally da Safra de 2017, este aumento de produtividade era esperado.

Já tínhamos desenvolvido uma tecnologia capaz da performance que observamos agora: faltava um ano bom de chuva para tomar ótimo susto que estamos tomando com mais um recorde de produção. Salvo algumas regiões em que houve um pequeno veranico no final de dezembro e começo de janeiro (no Matopiba e no MS), teve chuva para todo mundo. E com uma boa notícia: choveu mais cedo, de modo que foi possível plantar a soja e colhê-la com boas condições para a semeadura do milho safrinha, que produz o dobro da safra de verão.

Importante observar a uniformidade das lavouras em quase todas as regiões, mas vale ressaltar que na região sul, especialmente no Paraná, o peso de mil grãos foi bem maior que nos anos anteriores. Com isso, a produtividade média daquele importante estado deve ficar em torno de 60,5 sacas por hectare, ligeiramente acima das médias de São Paulo e Santa Catarina, com 60 sacas, e do Rio Grande, com 54,5.

Mas é no centro oeste que os saltos foram impressionantes. Enquanto no MT a média superará 55 sacas e no MS outras 54, avalia-se que em Goiás e Minas Gerais, a média será de 56 sacas por hectare. Mesmo no Matopiba teremos mais de 50 sacas, marcando importante recuperação após quatro safras frustradas pelo clima irregular.

Nem tudo será festa, todavia, seja pelos recorrentes problemas de logística aumentados este ano por causa da chuvarada na BR 163 (calcula-se que o escoamento dessa safra enorme vai precisar de 570 mil viagens de caminhão!), seja pela queda dos preços em função de grandes colheitas aqui, na Argentina e nos Estados Unidos, seja por causa da questão cambial. E ainda tem o reflexo da redução de demanda interna por causa da lamentável forma com que foi

tratado o episódio da Carne Fraca. A renda dos agricultores não crescerá tanto quanto a produção, infelizmente.

Mesmo assim, se conseguirmos exportar o novo recorde esperado de 61 milhões de toneladas de soja, só este setor representará um aumento de 0,24% do PIB nacional.

E todo esse crescimento que orgulha o agro brasileiro tem uma série de importantes consequências, começando com a mudança de mecanismos de gestão.

Hoje é necessária uma outra dinâmica na atividade. Não se trata apenas de incorporar tecnologia, fato já transitado em julgado. É preciso aperfeiçoar muito a gestão financeira, a comercial (especialmente na seleção e compra dos insumos mais eficientes), a de recursos humanos, a ambiental. O uso adequado do tempo e suas "janelas" de plantio e colheita implica uma gestão delicada e rigorosa do maquinário, sem falar no tema da gestão de risco. Produtores rurais e suas cooperativas terão que ampliar a cada ano mais conhecimento e dominar todas as variáveis que garantam competitividade.

**\* Coordenador do Centro de Agronegócio da FGV, Embaixador Especial da FAO para as Cooperativas e Presidente do LIDE Agronegócio**